

Antes dos irmãos Bridgertons, havia OS ROKESBYS

Julia Quinn

UM

MARIDO

DE FAZ DE
CONTA

2

OS ROKESBYS

ARQUEIRO

*Para Nana Vaz de Castro, que criou
todo um movimento. Ainda bem que não
existe milk-shake de Ovomaltine nos Estados Unidos.*

*E também para Paul. É mesmo uma ironia que eu
tenha escrito um livro sobre um marido de faz de conta
durante os três meses em que você esteve fora, escalando o Everest.
O monte, por sua vez, é muito real – assim como o que você e eu temos.*

Em 2012, ao pesquisar uma extensa lista de livros mais vendidos nos Estados Unidos, reparei em alguns nomes que apareciam com frequência, mas que, até onde eu sabia, ainda não haviam sido publicados no Brasil: Julia Quinn, Lisa Kleypas, Mary Balogh, Sarah MacLean, entre outros. Fiquei intrigada. Quem eram aquelas autoras?

Fui investigar e vi que todas publicavam livros de um mesmo gênero, com capas que mostravam moças em vestidos deslumbrantes ou em poses comprometedoras ao lado de homens quase sempre semidespidos.

Eu nunca havia lido um livro daqueles, mas fiquei curiosa o suficiente para experimentar. Por sorte, acaso ou destino, o primeiro que caiu em minhas mãos foi um tal de *O Duque e eu*. Quando cheguei ao fim do prólogo, estava fascinada: aquilo era muito bom! Ao terminar a leitura, fui acometida daquela sensação que é a razão de ser de um editor: achei um tesouro.

Li vários outros livros de diversas autoras e, com o entusiasmado apoio de toda a equipe da Arqueiro, que realmente abraçou a causa, em abril de 2013 lançamos simultaneamente três livros de três autoras, inaugurando a coleção Romances de Época.

Mesmo não sendo um sucesso instantâneo, a coleção prosperou de forma saudável, com vendas consistentes e organicamente crescentes. Outras séries foram se juntando às três primeiras, e descobrimos uma comunidade enorme de leitores apaixonados pelo gênero, ávidos por mais histórias passadas na Inglaterra do século XIX, envolvendo bailes, casamentos arranjados, dotes, heranças, muitos mal-entendidos e, sempre, finais felizes. Passados quase seis anos, hoje a coleção já conta mais de 1,5 milhão de exemplares vendidos.

Em 2015, a convite da Bienal do Rio, Julia Quinn veio ao Brasil pela primeira vez. Na ocasião, estávamos lançando o sexto volume da nossa série

mais bem-sucedida de Romances de Época, Os Bridgertons. A calorosa recepção do público brasileiro surpreendeu Julia. Mesmo sendo uma autora best-seller em vários países, a emoção dos fãs, os abraços comovidos, os muitos presentes e as camisetas com os nomes dos personagens tocaram a autora de um jeito especial.

Foi durante uma longa sessão de autógrafos que apresentei Julia àquilo que considero uma das maiores invenções da gastronomia brasileira: o milk-shake de Ovomaltine do Bob's. A identificação foi imediata. Naquele momento, senti que nosso relacionamento mudou de nível: de admiração profissional passou a amizade pessoal.

Depois dessa primeira visita, todos os livros de Julia Quinn foram para a lista de mais vendidos, e ela se tornou uma autora querida e popular em nosso país. Em março de 2017, ela voltou ao Brasil para a turnê de lançamento da série Quarteto Smythe-Smith, que teve a difícil missão de suceder Os Bridgertons. A Arqueiro inovou novamente, ao lançar os quatro livros da série de uma só vez, e ainda oferecer a opção de compra em um box caprichado, com brindes exclusivos. Julia esteve em seis cidades brasileiras, autografou milhares de livros e, sempre que possível, tomou aquele milk-shake.

Justamente nessa época ela estava escrevendo este livro que você tem agora em mãos, *Um Marido de faz de conta*. E então, alguns meses depois, qual não foi a minha surpresa quando a autora me enviou um e-mail que continha, em um anexo, a página de dedicatória deste livro.

Fiquei muito emocionada com o carinho, a generosidade e o reconhecimento dessa autora e amiga tão especial, mas entendo que, com esse gesto, ela está homenageando e agradecendo a todos os fãs brasileiros que fizeram dela, de fato, a “rainha” dos romances de época no Brasil.

A maravilhosa e fantástica história de Cecilia e Edward logo se tornou uma das minhas favoritas – mas realmente, não sei se consigo ser isenta nesse caso...

Espero que você também goste.

Boa leitura!

Nana Vaz de Castro
Janeiro de 2019

CAPÍTULO 1

Ilha de Manhattan, junho de 1779

A cabeça dele estava doendo.

Correção: a cabeça dele estava doendo *muito*.

Era difícil distinguir, contudo, que tipo de dor era aquela. Talvez ele tivesse sido alvejado por uma bala de mosquete. Isso parecia plausível, dadas sua localização em Nova York (ou seria Connecticut?) e sua ocupação: capitão no exército de Sua Majestade.

Estavam, afinal de contas, no meio de uma guerra.

Entretanto, aquele latejar específico – como se alguém estivesse batendo em seu crânio com um canhão (não com a *bola* do canhão, mas com o *próprio* canhão) – sugeria que ele havia sido atacado por algo mais bruto do que uma bala.

Talvez uma bigorna. Largada de uma janela do segundo andar.

No entanto, se ele se desse ao trabalho de tentar ver o lado bom, concluiria que uma dor como aquela era um forte indício de que ainda estava vivo, algo que considerava uma sina pouco provável pelos mesmíssimos motivos que haviam feito com que ele suspeitasse de que tinha sido baleado.

A tal guerra mencionada... as pessoas morriam mesmo.

Com uma frequência alarmante.

Então ele não estava morto. Essa era uma boa notícia. Mas ele também não sabia ao certo onde estava. A seguir, o passo mais óbvio seria abrir os olhos, mas, mesmo com eles fechados, conseguia perceber que era dia claro e, embora metaforicamente gostasse de ver sempre o lado bom, sentia que acabaria cego se tentasse literalmente ver alguma coisa.

Assim, continuou de olhos fechados.

Mas ficou ouvindo com atenção.

Não estava sozinho. Mesmo sem discernir as palavras, o ruído baixo de conversas e de atividades permeava o ar. Havia pessoas andando para lá e para cá, deixando objetos em mesas, talvez arrastando uma cadeira.

Alguém gemia de dor.

Em sua maioria, as vozes eram masculinas, mas havia no mínimo uma dama por perto. Estava próxima o bastante para que ele ouvisse a respiração dela. Ela emitia pequenos sons enquanto cuidava de afazeres que, como ele logo percebeu, incluíam ajeitar os cobertores ao redor dele e tocar sua testa com as costas da mão.

Ele gostava daqueles barulhinhos, os *hummmms* suaves e os suspiros que ela decerto nem reparava que dava. Além disso, ela tinha um cheiro bom, com notas de limão e sabonete.

E algumas notas de trabalho pesado.

Ele conhecia bem aquele odor. Ele mesmo o exalava bastante, ainda que muito brevemente, pois, nele, o cheiro logo se transformava em uma catin-ga desenfreada.

Nela, contudo, era mais que agradável. Talvez um pouco terroso. Assim, ficou se perguntando quem era aquela que cuidava dele com tanto zelo.

– Como ele está?

Edward ficou imóvel. Aquela voz masculina era nova, e ele ainda não sabia se queria revelar que já estava acordado.

Também não conseguia entender o motivo de sua hesitação.

– Na mesma – veio a resposta da mulher.

– Isso é preocupante. Se ele não despertar logo...

– Eu sei – cortou a voz feminina, com um indício de irritação que Edward achou curioso.

– Conseguiu fazê-lo tomar um pouco de sopa?

– Só algumas colheradas. Fiquei com medo que engasgasse se eu tentasse forçar um pouco mais.

O homem emitiu um grunhido vago de aprovação.

– Já faz quanto tempo mesmo que ele está nesse estado?

– Uma semana, senhor. Fazia quatro dias quando eu cheguei, e isso foi há três dias.

Uma semana. Edward ponderou. Se fazia uma semana, então já devia ser... Março? Abril?

Não, talvez ainda fosse fevereiro. E era mais provável que estivesse em Nova York, não em Connecticut.

Contudo, nada daquilo explicava a maldita dor de cabeça. Era óbvio que ele havia sofrido algum acidente. Ou será que tinha sido atacado?

– Não houve mesmo nenhuma mudança no quadro? – perguntou o homem, embora a mulher tivesse acabado de falar sobre isso.

Mas ela, que devia ser uma pessoa muito mais paciente que Edward, apenas respondeu, com um tom de voz baixo e claro:

– Não, senhor. Nenhuma mudança.

O homem emitiu um som que não foi bem um resmungo.

Edward não conseguiu decifrá-lo.

– Hum... – A mulher pigarreou. – Teve alguma notícia do meu irmão? Irmão? Quem seria o irmão dela?

– Sinto informar que não, Sra. Rokesby.

Sra. Rokesby?

– Já faz quase três meses – murmurou ela.

Sra. Rokesby? Edward queria muito que eles voltassem àquele ponto específico. Até onde sabia, só havia um Rokesby na América do Norte: ele mesmo. Então se ela era a Sra. Rokesby...

– Eu acho, senhora, que suas energias seriam mais bem investidas no cuidado com seu marido – prosseguiu a voz masculina.

Marido?

– Posso assegurar ao senhor que estou cuidando do meu marido com a maior dedicação possível – retrucou ela, e lá estava, outra vez, aquele traço de irritação.

Marido? Eles estavam dizendo que ele era *marido* dela? Ele era casado? Não podia ser casado. Como poderia ser casado se nem mesmo se lembrava disso?

Quem era aquela mulher?

O coração de Edward começou a bater acelerado. Que diabo estava acontecendo com ele?

– É impressão minha ou ele acabou de fazer um barulho? – perguntou o homem.

– Não... acho que não.

Então ela voltou a se mexer, ligeira. Mãos começaram a encostar nele, primeiro na bochecha, depois no peito, e apesar da preocupação evidente nos movimentos dela, havia naquele toque algo de calmante, sem dúvida agradável.

– Edward? – chamou ela, tomando a mão dele e acariciando-a várias vezes, dedos leves percorrendo sua pele. – Está me ouvindo?

Edward deveria responder. Ela estava preocupada. Que tipo de cavalheiro escolhia não agir quando poderia muito bem aliviar a preocupação de uma dama?

– É possível que nunca consigamos trazê-lo de volta – falou o homem, com muito menos delicadeza do que Edward julgaria apropriado.

– Ele ainda está respirando – retrucou a mulher, com uma voz inquebrantável.

O homem não disse nada, mas deve ter feito uma expressão de pena, porque ela repetiu mais alto dessa vez:

– *Ele ainda está respirando.*

– Sra. Rokesby...

Edward sentiu a mão dela comprimir a sua. Então, ela pousou a outra mão por cima, e seus dedos cobriram os punhos dele com um toque leve. Foi como um abraço muitíssimo sutil, mas Edward o sentiu reverberar no fundo de sua alma.

– Ele ainda está respirando, coronel – repetiu ela, com uma determinação contida. – E eu ficarei aqui enquanto ele continuar respirando. Sei que não posso fazer nada por Thomas, mas...

Thomas. Thomas Harcourt. *Aquela* era a conexão. A dama devia ser a irmã dele. Cecilia. Edward a conhecia bem.

Ou não. Na verdade, ele nunca a vira, mas era como se já a conhecesse. Em todo o regimento, não havia páreo para a dedicação com que ela escrevia para o irmão. Mesmo com apenas uma irmã, Thomas recebia duas vezes mais cartas que Edward, que tinha quatro irmãos.

Cecilia Harcourt. Que raios ela estava fazendo na América do Norte? Ela deveria estar em Derbyshire, naquele vilarejo que Thomas deixara para trás com tanta ansiedade. Aquele das fontes termais. Matlock. Matlock Bath.

Edward nunca visitara Matlock Bath, mas sempre achara que devia ser um lugar adorável. Não com base nas descrições de Thomas, é claro; o amigo gostava do burburinho da vida na cidade grande e mal podia esperar para assumir um posto qualquer e deixar o vilarejo para trás. As descrições de Cecilia, contudo, eram muito diferentes. Em suas cartas, a pequena vila em Derbyshire ganhava vida, e Edward achava que teria grandes chances de reconhecer os vizinhos dela, caso fosse visitá-la um dia.

Cecilia era espirituosa – por Deus, e como era! Thomas ria de suas missivas com tanta vontade que, por fim, Edward o convencera a lê-las em voz alta.

Até que, certo dia, Thomas estava escrevendo uma resposta para a irmã e Edward não parava de interrompê-lo, a ponto de Thomas se levantar da cadeira num salto e oferecer a pena ao amigo.

– Escreva você para ela – dissera Thomas.

E foi o que Edward fez.

Não sozinho, é claro. Edward nunca poderia ter escrito diretamente para ela. Ele jamais a insultaria com um ato tão despuddorado. Em vez disso, começou a acrescentar algumas linhas no fim das cartas de Thomas, e quando chegava a resposta, invariavelmente havia algumas linhas para ele também.

Thomas sempre carregava um pequeno retrato da irmã e, embora dissesse que fora pintado havia muitos anos, Edward se pegava olhando para a imagem, estudando as feições da jovem moça, imaginando se os cabelos dela realmente teriam aquele tom impressionante de dourado ou se ela de fato sorria daquela forma misteriosa, com os lábios cerrados. Por algum motivo, achava que não. Tinha a impressão de que não era uma moça dada a segredos. O sorriso dela devia ser alegre e livre. Edward até chegara a pensar que gostaria de conhecê-la, quando aquela guerra maldita chegasse ao fim. Contudo, nunca dividira isso com Thomas.

Teria sido um tanto estranho.

Mas eis que Cecilia estava ali. Nas colônias. O que não fazia o menor sentido – por outro lado, será que *algo* fazia sentido? Edward estava com um ferimento na cabeça, tudo indicava que Thomas tinha desaparecido e...

Edward esforçou-se para raciocinar.

... e, pelo que parecia, ele tinha se casado com Cecilia Harcourt.

Abriu os olhos e tentou focalizar a mulher de olhos verdes que o observava.

– Cecilia?



Cecilia tivera três dias para imaginar o que Edward Rokesby poderia dizer quando enfim despertasse. Tinha pensado em várias possibilidades, das quais a mais provável era: “Quem diabo é você?”

Não teria sido uma pergunta sem sentido.

Pois, a despeito do que acreditava o coronel Stubbs – e todos os demais naquele hospital militar mal-aparelhado –, o nome dela não era Cecilia

Rokesby, e sim Cecilia Harcourt, e ela não era nem de longe casada com o belo homem de cabelos escuros que jazia na cama ao lado dela.

E quanto à origem daquele mal-entendido...

É possível que tivesse a ver com o fato de ter declarado, diante de dois soldados e do taifeiro, que era esposa de Edward.

Na hora, parecera uma boa ideia.

Ela não tinha ido a Nova York por um motivo leviano. Sabia muito bem dos perigos de viajar para as colônias divididas pela guerra, para não mencionar a travessia do temperamental Atlântico Norte. Contudo, o pai dela havia morrido, e logo depois ela recebera a notícia de que Thomas tinha se ferido, e então seu maldito primo aparecera em Marswell, como um abutre sobrevoando a carcaça...

Ela não podia permanecer em Derbyshire.

E, no entanto, não tinha para onde ir.

Assim, naquela que fora talvez a única decisão precipitada que tomara em toda a vida, Cecilia trancara a casa, enterrara toda a prataria no quintal e comprara uma passagem de Liverpool para Nova York. Ao chegar, porém, não conseguira encontrar Thomas de jeito nenhum.

Achava o regimento dele, mas ninguém tinha as respostas de que ela precisava. Ela insistia nas perguntas, mas era prontamente enxotada pelo oficialato como se fosse uma mosquinha impertinente. Eles a ignoraram, trataram-na com condescendência e certamente mentiram para ela. Cecilia já tinha exaurido a maior parte de seus fundos, fazia uma única refeição por dia e estava morando em um quarto de pensão vizinho ao de uma mulher que provavelmente era prostituta.

(Era certo que ela mantinha relações; a única pergunta era se recebia dinheiro por isso ou não. E, para ser sincera, Cecilia torcia para que recebesse, pois, o que quer que a mulher estivesse fazendo, parecia dar muito trabalho.)

Mas então, depois de quase uma semana sem chegar a lugar nenhum, Cecilia ouviu dois soldados comentando que, alguns dias antes, tinham levado ao hospital um homem que sofrera um golpe na cabeça e estava inconsciente. O nome dele era Rokesby.

Edward Rokesby. Só podia ser.

Na verdade, Cecilia nunca tinha visto o sujeito pessoalmente, mas ele era o amigo mais próximo do irmão dela, de modo que sentia que já o co-

nhecia. Sabia, por exemplo, que ele era de Kent, que era o segundo filho do conde de Manston, que um dos seus irmãos mais novos estava na marinha e outro em Eton.

A irmã dele era casada, mas não tinha filhos, e a coisa de que ele mais sentia saudade era do creme de groselha da cozinheira da casa da família.

O irmão mais velho de Edward se chamava George, e Cecilia ficara surpresa ao saber que ele não sentia a menor inveja do fato de o irmão ser o herdeiro. Certa vez, ele escrevera que o título de conde vinha atrelado a uma aterradora falta de liberdade, e que sabia que seu lugar era no exército, lutando pelo rei e pela pátria.

Cecilia sabia que uma pessoa que olhasse de fora poderia ficar chocada com a intimidade na correspondência entre os dois, mas aprendera que a guerra transformava certos homens em filósofos. Talvez fosse por isso que Edward Rokesby começara a inserir algumas frases no final das cartas que Thomas escrevia para ela. Compartilhar pensamentos com um estranho tinha um quê de reconfortante. Era fácil ser corajosa quando se dirigia a uma pessoa com quem ela jamais dividiria uma mesa de jantar ou uma sala de visitas.

Pelo menos, era o que Cecilia pensava. Talvez Edward estivesse escrevendo para ela as mesmíssimas coisas que escrevia para a família e os amigos em Kent. O irmão dela lhe contara que o amigo estava “praticamente noivo” de uma vizinha. Edward certamente escrevia também àquela jovem.

E não era como se ele escrevesse, de fato, para Cecilia. Tudo começara com pequenos trechos redigidos ainda por Thomas: “Edward diz tal coisa”, ou “o capitão Rokesby insiste para que eu diga...”

Desde o início, a troca fora incrivelmente divertida; presa em Marswell com um pai indiferente, vendo as contas se acumularem, Cecilia sentia que precisava dos sorrisos inesperados que as palavras de Edward lhe provocavam. Assim, ela respondia à altura, acrescentando coisinhas aqui e ali nas próprias missivas. “Por favor, diga ao capitão Rokesby...” ou “Fico me perguntando se o capitão Rokesby apreciaria...”

Então, um dia, chegou uma carta de seu irmão com um parágrafo escrito na caligrafia de outra pessoa. Era uma breve saudação a ela, contendo uma mera descrição de flores silvestres, mas era de Edward. Ele chegara a assinar.

“Estimadamente,
Cap. Edward Rokesby”

Estimadamente.
Estimadamente.

Seu rosto foi tomado por um sorriso bobo, e ela se sentira a mais tola das mulheres. Estava se derretendo toda por um homem que nem conhecia.

Um homem que provavelmente jamais conheceria.

No entanto, não conseguira evitar. Por mais que o sol de verão brilhasse na superfície dos lagos, a ausência do irmão, tornava cinzenta sua vida em Derbyshire. Um dia emendava no outro, quase sem variações. Ela comandava a casa, administrava o orçamento e cuidava do pai, que não parecia notar sua dedicação. De vez em quando havia um evento social, porém mais da metade dos homens da idade dela haviam se alistado ou adquirido uma patente no exército, e o salão de dança tinha sempre muito mais mulheres do que homens.

Por isso, quando o filho de um conde lhe escreveu falando de flores silvestres...

O coração de Cecília bateu mais forte.

Para dizer a verdade, as pequenas trocas nas correspondências eram o mais próximo de um flerte a que Cecília chegara em anos.

Contudo, quando enfim decidiu viajar para Nova York, era no irmão que ela estava pensando, e não em Edward Rokesby. Aquele dia em que o mensageiro trouxera notícias do comandante de Thomas...

Fora o pior dia de sua vida.

A carta obviamente tinha sido endereçada a Walter Harcourt. Cecília agradecera o mensageiro e providenciara uma refeição para ele sem mencionar que o pai havia morrido de forma inesperada três dias antes. Ela levava o envelope dobrado para o quarto, trancara a porta atrás de si e, após um minuto de apreensão que lhe parecera infinito, conseguira reunir a coragem necessária para abrir o lacre de cera. Sua primeira emoção fora alívio. Tinha certeza de que a carta ia dizer que Thomas havia morrido, deixando-a sozinha no mundo, sem mais ninguém a quem amasse de verdade. Naquele momento, um ferimento de guerra mais parecia uma bênção.

Mas então, logo depois, chegou o primo Horace.

Cecilia não ficara surpresa ao vê-lo no enterro do pai. Afinal, era assim que se devia proceder, mesmo no caso de parentes por quem não se nutrisse muita estima. Horace, contudo, *não fora embora*. E, por Deus, que sujeitinho insuportável. Não conversava: fazia sermões. Cecilia não podia dar dois passos sem que ele surgisse atrás dela, expressando suas profundas preocupações com a prima.

O pior era que ele não parava de falar de Thomas, comentando sobre os perigos a que se expunha um soldado nas colônias. Comentava que seria mesmo um imenso alívio quando ele enfim retornasse, são e salvo, ao seu lugar de direito como proprietário de Marswell.

Sendo que a mensagem velada por trás daquilo tudo era, é claro, a de que, caso Thomas não voltasse, Horace seria o herdeiro de todos os bens.

A maldita, estúpida linha hereditária de Marswell. Cecilia sabia que tinha o dever de honrar seus antepassados, mas, por Deus, sua vontade era a de voltar no tempo, encontrar seu tatará-tataravô e dar-lhe um belo safanão. Ele havia adquirido as terras e construído a propriedade e, em seus delírios de grandeza dinástica, estabelecera rígidas condições para a herança. Marswell deveria passar de pai para filho. Se não fosse possível, então qualquer primo homem daria para o gasto. Não importava nem um pouco o fato de que Cecilia havia morado lá a vida inteira, conhecia todos os pormenores da propriedade e os criados a respeitavam e confiavam nela. Se Thomas morresse, o primo Horace sairia de Lancashire e se aboletaria ali, tomando tudo que era dela.

Cecilia tentara esconder o ferimento de Thomas do primo, mas aquele era o tipo de notícia que não ficava acobertada por muito tempo.

Talvez algum vizinho bem-intencionado tivesse comentado com ele, pois Horace não esperara passar nem um dia após o enterro do pai de Cecilia para declarar que, como o parente homem mais próximo dela, ele deveria assumir a responsabilidade por seu bem-estar.

A solução óbvia, dissera ele, era que eles se casassem.

“Não”, pensara ela, em meio a um silêncio estarrecido. “Não, de jeito nenhum.”

– Precisa encarar os fatos, prima – insistira Horace, dando um passo na direção dela. – Está sozinha agora. Não pode permanecer aqui em Marswell sem um responsável.

– Então vou para a casa da minha tia-avó – dissera ela.

– Sophie? – perguntara ele, com escárnio. – Ela é praticamente uma inválida.

– Minha outra tia-avó. Dorcas.

Ele semicerrou os olhos.

– Não conheço nenhuma tia Dorcas.

– Lógico – disse Cecília. – Ela é tia da minha mãe.

– E onde mora essa tia Dorcas?

Considerando que isso não passava de fruto da imaginação de Cecília, Dorcas não morava em lugar nenhum, mas, como sua mãe era escocesa, Cecília respondera:

– Edimburgo.

– E você deixaria o seu lar para trás?

Se fosse para evitar um casamento com Horace, sim.

– Eu vou fazer você enxergar a razão – rosnou Horace.

E, de repente, antes que ele se desse conta, ele a beijou.

Quando ele a soltou, Cecília respirou fundo, e então deu-lhe um tapa na cara.

Horace respondeu com outro tapa e, uma semana depois, Cecília partiu para Nova York.

A viagem levava cinco semanas – tempo mais que suficiente para que Cecília começasse a perder a confiança em sua decisão, mas ela não sabia o que mais poderia ter feito. Não entendia por que Horace estava tão determinado a se casar com ela, já que, mesmo sem isso, ele tinha uma boa chance de herdar Marswell. Cecília desconfiava de que ele devia estar com problemas financeiros, de modo que precisava, com urgência, de um lugar para morar. Se ele se casasse com Cecília, poderia se mudar para a propriedade imediatamente, torcendo com todas as forças para que Thomas nunca mais voltasse.

Cecília sabia que aquele casamento era a escolha mais sensata que ela poderia fazer. Se Thomas morresse, ela conseguiria continuar vivendo no próprio lar. Poderia passá-lo para seus filhos.

Mas, ó céus, isso significaria que seus filhos também seriam filhos de Horace, e só de pensar em ter que se deitar com aquele sujeito, em *morar* com aquele sujeito...

Ela não seria capaz. Marswell não valia tanto sacrifício.

Ainda assim, sua situação era delicada. Embora Horace não pudesse forçar Cecília a aceitar a proposta, ele ainda podia deixar a vida da prima

muito desconfortável, e tinha razão a respeito de uma coisa: ela não poderia continuar sozinha em Marswell por tempo indefinido. Ela era maior de idade – por pouco, já que tinha apenas 22 anos – e amigos e vizinhos até poderiam fazer vista grossa durante algum tempo, considerando as circunstâncias, mas uma moça vivendo sozinha era convite certo para as más línguas. Se Cecilia se importasse com a própria reputação, logo teria que ir embora.

A ironia cruel da situação lhe dava vontade de gritar. Para preservar seu bom nome, ela teria que viajar sozinha para o outro lado do oceano. Só precisava se certificar de que ninguém em Derbyshire ficasse sabendo disso.

Thomas era seu irmão mais velho, seu protetor e seu melhor amigo, e, por ele, ela seria capaz de embarcar naquela jornada, por mais que soubesse que se tratava de uma empreitada insensata – e possivelmente inútil. As infecções matavam muito mais do que os ferimentos de guerra. Sabia muito bem que, quando chegasse a Nova York, talvez não encontrasse mais o irmão.

Cecilia só não havia esperado que a ausência de Thomas se devesse a um desaparecimento.

Foi durante esse turbilhão de frustração e derrota que ela ficara sabendo do ferimento de Edward. Compelida por uma necessidade urgente de ajudar *alguém*, ela marchara até o hospital. Se não podia cuidar do irmão, então, por Deus, ela cuidaria do melhor amigo dele. Sua ida ao Novo Mundo não poderia ter sido em vão.

Ao chegar ao hospital, Cecilia viu-se, na verdade, em uma igreja tomada pelo exército inglês, algo que, em si, já era bastante peculiar. Para piorar, ao pedir para ver Edward, disseram-lhe com todas as letras que ela não era bem-vinda. O capitão Rokesby era um *oficial*, informara um guarda esnobe. Era filho de um conde, importante demais para ficar recebendo visitas da plebe.

Cecilia ainda estava tentando entender do que o homem estava falando quando ele a olhou com desdém e afirmou que os únicos autorizados a ver o capitão Rokesby eram outros oficiais e a família.

Foi então que Cecilia disparou, sem hesitar:

– Sou esposa dele!

Assim que as palavras saíram de sua boca, não pôde voltar atrás.

Em retrospecto, era inacreditável que ela tivesse conseguido se safar com aquela mentira. Se não fosse pela presença do comandante de Edward, era muito provável que ela tivesse sido atirada na sarjeta. O coronel Stubbs podia não ser o mais afável dos homens, mas sabia bem da amizade entre Edward e Thomas e não desconfiou de nada ao ouvir que Edward teria se casado com a irmã do amigo.

Antes que Cecilia tivesse a chance de pensar duas vezes, já estava tecendo uma teia intrincada a respeito de uma corte epistolar e um casamento por procuração em um navio.

Surpreendentemente, todos acreditaram nela.

Ela não se arrependia de suas mentiras. Não havia dúvidas de que Edward estava melhorando sob seus cuidados. Quando ele tinha febre, ela molhava sua testa com uma esponja; sempre que podia, mudava a posição dele na cama para evitar escaras. Se por um lado ela já tinha visto o corpo dele muito mais do que seria apropriado para uma dama solteira, por outro as regras da sociedade deveriam ser suspensas em tempos de guerra.

E ninguém descobriria.

“Ninguém descobriria” Isso era o que ela repetia para si mesma, quase de hora em hora. Estava a mais de oito mil quilômetros de distância de Derbyshire. Todas as pessoas que conhecia acreditavam que ela tinha ido visitar uma tia solteirona. Além disso, os Harcourts e os Rokesbys não frequentavam os mesmos círculos sociais. Cecilia sabia que Edward devia ser um alvo interessante para as fofocas da sociedade, mas ela certamente não era, e parecia impossível que as histórias sobre o segundo filho do conde de Manston chegassem à minúscula vila de Matlock Bath.

Já sobre o que ela faria quando ele, enfim, despertasse...

Bem, falando francamente, ela ainda não tinha decidido. Contudo, logo isso se provaria irrelevante. Ela tinha imaginado centenas de cenários diferentes, mas nenhum deles envolvia a possibilidade de Edward reconhecê-la.

– Cecilia? – chamou Edward.

Ele pestanejou, confuso, olhando para ela, e Cecilia ficou atordoada por um instante, hipnotizada pelo azul de seus olhos.

Ela deveria estar preparada para isso.

Mas logo percebeu que estava sendo ridícula.

Não tinha nenhum motivo para saber de antemão qual era a cor dos olhos de Edward.

Ainda assim, de alguma maneira...

Sentia que aquela era uma informação que ela deveria ter.

– Você acordou – disse ela, uma constatação nada brilhante.

Tentou falar algo mais, mas a voz ficou presa na garganta. Tomada por emoções que nem sabia que tinha, precisou se concentrar na simples tarefa de continuar respirando. Inclinou-se sobre ele e levou a mão trêmula à testa de Edward. Não sabia por quê, já que ele tinha passado os dois dias anteriores sem febre.

Contudo, foi tomada pela necessidade de tocá-lo, de deixar as mãos sentirem o que seus olhos sentiam.

Ele estava acordado.

Estava vivo.

– Deixe o homem respirar – ordenou o coronel Stubbs. – Vá buscar o médico.

– Vá *você* buscar o médico! – vociferou Cecília, retomando, enfim, a presença de espírito. – Ele é meu ma...

Sua voz morreu na garganta. Ela não conseguia proclamar aquela mentira. Não na frente de Edward.

O coronel Stubbs, contudo, inferiu o que ela não tinha dito e, proferindo resmungos inaudíveis, saiu em disparada à procura do médico.

– Cecília? – repetiu Edward. – O que está fazendo aqui?

– Vou explicar tudo assim que possível, prometo – disse ela, em um sussurro apressado.

O coronel voltaria logo e ela preferia contar a verdade a Edward sem a presença de uma plateia. Mesmo assim, não podia arriscar que Edward a contradissesse, então acrescentou:

– Por enquanto, apenas...

– Onde estou? – interrompeu ele.

Ela pegou outro cobertor. Edward precisava mesmo era de um segundo travesseiro, mas, como não havia outro no local, o cobertor teria que bastar. Cecília o ajudou a se sentar mais ereto na cama, escorando-o com o cobertor dobrado, e respondeu:

– Você está no hospital.

Ele olhou ao redor, desconfiado da arquitetura claramente eclesiástica do lugar.

– Um hospital com vitrais?

– Isto é uma igreja. Bom, era uma igreja. Agora é um hospital.

– Mas *onde*? – insistiu ele, com certa urgência.

As mãos dela se detiveram. Havia algo errado. Ela voltou o rosto para ele, apenas o suficiente para que seus olhos se encontrassem.

– Estamos na cidade de Nova York.

Ele franziu o cenho.

– Eu achei que estivesse...

Ela aguardou, mas ele não concluiu o raciocínio.

– Achou o quê?

O olhar vago de Edward mirou o nada durante um instante, e então ele disse:

– Não sei. Eu deveria...

As palavras morreram e ele contraiu o rosto quase como se estivesse sentindo dor de tanto pensar.

Por fim, completou:

– Eu deveria ter ido para Connecticut.

Cecilia se retesou discretamente.

– Mas você estava em Connecticut.

Edward ficou boquiaberto.

– Estava?

– Sim. Passou mais de um mês lá.

– O quê?

Uma sombra cruzou os olhos dele. Cecilia achou que era medo.

– Não se lembra? – perguntou ela.

Ele começou a piscar muito mais rápido do que o normal.

– Você disse mais de um mês?

– Foi o que me disseram. Eu cheguei há pouco tempo.

– Mais de um mês – repetiu ele, balançando a cabeça. – Como pode...

– Fique calmo, não é hora de se sobrecarregar – disse Cecilia, pegando a mão dele outra vez.

Achou que o gesto tranquilizaria Edward. Acabou sentindo-se, ela mesma, mais tranquila.

– Eu não me lembro... Eu estava mesmo em Connecticut? – Edward arregalou os olhos e apertou tanto a mão de Cecilia que ela se sentiu desconfortável. – Como voltei para Nova York?

Ela deu de ombros, incapaz de ajudar. Não tinha as respostas de que ele precisava.

– Não sei. Eu estava procurando Thomas quando fiquei sabendo que você estava aqui. Você foi encontrado perto de Kip's Bay, e sua cabeça sangrava muito.

– Você estava procurando Thomas – repetiu Edward, e Cecilia quase podia ver as engrenagens da mente dele girando alucinadamente por trás dos olhos azuis. – Por que estava procurando por ele?

– Avisaram-nos de que ele estava ferido, mas agora parece que está desaparecido, e...

A respiração de Edward ficou mais intensa.

– Quando foi que nos casamos?

Cecilia abriu a boca e hesitou. Tentou responder, mas só conseguiu gaguejar alguns pronomes inúteis. Edward acreditava mesmo que eles tinham se casado? Antes daquele dia, eles nunca haviam sequer se visto.

– Eu não me lembro – retomou Edward.

Cecilia escolheu as palavras com muito cuidado:

– Do que não se lembra?

Edward voltou-se para ela com um olhar atormentado.

– Eu não sei.

Cecilia sabia que devia tentar confortá-lo, mas não conseguia fazer nada além de encará-lo. Os olhos dele, fundos, pareciam perdidos, e a pele, já lívida por conta da saúde debilitada, estava ficando cinzenta. Edward agarrava-se à cama como se fosse um bote salva-vidas, e ela queria poder fazer o mesmo. Tudo à volta deles parecia estar girando, comprimindo-os por todos os lados como um túnel apertado.

Ela mal conseguia respirar.

E ele parecia prestes a se despedaçar.

Ela se forçou a encará-lo, e fez a única pergunta possível:

– Você se lembra de alguma coisa?

CAPÍTULO 2

Para ser franco, as instalações aqui em Hampton Court Palace são bastante aceitáveis, embora nada se compare ao conforto do lar. Os oficiais ficam alojados ao pares, em apartamentos de dois quartos, de

CONHEÇA OS LIVROS DE JULIA QUINN

Os BRIDGERTONS

O duque e eu
O visconde que me amava
Um perfeito cavalheiro
Os segredos de Colin Bridgerton
Para Sir Phillip, com amor
O conde enfeitado
Um beijo inesquecível
A caminho do altar
E viveram felizes para sempre

QUARTETO SMYTHE-SMITH

Simplesmente o paraíso
Uma noite como esta
A soma de todos os beijos
Os mistérios de sir Richard

AGENTES DA COROA

Como agarrar uma herdeira
Como se casar com um marquês

IRMÃS LYNDON

Mais lindo que a lua
Mais forte que o sol

Os ROKESBYS

Uma dama fora dos padrões
Um marido de faz de conta

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos
lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

